

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA, DESTACANDO A INFLUÊNCIA AFRICANA.

Autores: Leandro Pereira de Sousa Macêdo; Melkzedek de Sousa Feitosa, graduandos do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – Bloco VI – UESPI Campus de Floriano.

Orientador: Prof. MSc. Robison Raimundo Silva Pereira

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo entender a importância da cultura africana na construção da identidade do povo brasileiro, mostrando contextos históricos, sociais e culturais, pontos negativos e positivos que o mesmo percorreu e ainda percorre na luta contra a desigualdade e a discriminação que o negro há tanto tempo vem sofrendo. O atual trabalho possui caráter bibliográfico, utilizando estudiosos contemporâneos da cultura e identidade africana no nosso país. Os resultados da nossa pesquisa mostram que historicamente e socialmente o povo africano deixou uma vasta bagagem cultural no Brasil, mas os mesmos sofreram diversas formas de imposições para abandonarem suas verdadeiras raízes. Portanto as narrativas aqui descritas demonstram que a valorização da identidade negra aceitando as heranças deixadas pelo povo negro são fundamentais para a construção de dias melhores, sem preconceitos e valorização de todos.

Palavras-chaves: Construção da identidade negra. Educação. Desigualdade.

1. O processo histórico da afrodescendência no Brasil e seus reflexos na sociedade contemporânea.

Hodiernamente na sociedade brasileira, no que diz respeito as questões étnico-raciais, de certo modo vive-se um período de mascaramento, pois, fala-se muito em igualdade e liberdade de expressão, entretanto, o que podemos observar são processos de imposição ideológica onde aquele que é desprovido de informação está a mercê daqueles que a detêm e as questões étnico-raciais não fogem a regra.

Sendo assim, esta pesquisa baseia-se na necessidade que nossa sociedade possui para enxergar a cultura e valores que os povos africanos trouxeram e desenvolveram no Brasil, pois os mesmos são velados e com isso praticam-se estereótipos que desvalorizam a rica herança que os escravos africanos aqui deixaram. Nossa inquietação principal gira em torno do seguinte dilema: já que a cultura africana é tão importante na construção do nosso país, por que a mesma é tão desvalorizada por muitos na nossa sociedade? No decorrer desta pesquisa tentaremos responder tal questionamento.

A mesma se justifica pelos constantes relatos facilmente observados em relação ao negro ser discriminado devido o processo histórico de desigualdade e com isso a sociedade brasileira desconhece a cultura africana, deixando a margem à identidade do povo negro, que é assolada a cada dia devido racismos que estão impregnados no nosso cotidiano.

Devemos salientar que a imagem ou a aparência é tida socialmente em muitos casos como critério de avaliação, e forma de representatividade social, devido às chagas advindas do processo de construção histórica e, sobretudo, no que diz respeito à gênese do povo brasileiro certas marcas preconceituosas acometidas do período escravocrata no Brasil refletem firmemente nos hábitos e costumes de hoje. Nosso objetivo é destacar fatores históricos longínquos e contemporâneos bem como a relação que os mesmo apresentam, de certo modo causa e efeito.

No desenvolvimento desse trabalho utilizaremos acervos bibliográficos de estudiosos contemporâneos que cuidadosamente pesquisam as heranças que os africanos deixaram para o povo brasileiro, como também o processo histórico de desvalorização do mesmo na nossa sociedade atual. Não se pode deixar de mencionar o envolvimento político pessoal dos autores deste trabalho, mas isso, não é empecilho, ao contrário é liga para melhor compreender a problemática aqui apontada.

No início do Brasil colônia os portugueses necessitavam de mão de obra para auxiliar a construção e o desenvolvimento da economia, devido a inúmeros fatores, sentiu-se a necessidade de aquisição de mão de obra escrava africana, este fator influenciou consideravelmente nas construções sociais ideológicas que consideravam o negro africano inferior ao branco europeu, e como forma de reiteração de tais preconceitos, técnicas eram aplicadas para que tal ideário fosse propagado, como podemos destacar a separação das famílias nos navios escravagistas, dentre outros.

Além de impor um outro nome aos africanos escravos, o tráfico de escravos separava, para sempre, as famílias. Foi uma grande mistura de povos, famílias, crenças e línguas durante 350 anos. Pessoas de origens, línguas, religiões e hábitos diferentes, por vezes inimigas no continente africano, eram obrigadas a conviver e a trabalhar forçadas, durante os longos e violentos anos de escravidão. No regime escravista, autoridades proibiam ajuntamento de negros da mesma família, pois tinham receio de que os laços familiares os levassem a algum tipo de reação e organização. (MUNANGA E GOMES, 2006, p.85).

Com efeito, explicam-se as inúmeras desigualdades existentes em nosso país, pois com a opressão sofrida pelos negros vindos da África que quase não tinham como reivindicar direitos de igualdade nem mesmo expressar suas formas espontâneas de cultura. E com isso estas circunstâncias, ainda imperam no Brasil devido a falta de respeito a esses povos que possuem vastas influências na nossa identidade nacional.

O continente africano é visto, pela maioria da sociedade brasileira, como um país submisso à miséria, fome e toda forma de alienação. A reflexão que queremos salientar aqui é que a África é um continente sustentável para a cultura do Brasil, compondo-se de emoção e afetividade, e não só mostrando o que as maiorias das literaturas e textos contemporâneos descrevem (MOREIRA, 2012, p. 5-6).

Isto é, evidencia-se que deve-se emancipar-se de tais pensamentos que permeiam a nossa sociedade, para que possamos valorizar esse múltiplo continente cultural, que é a África. Surge então a necessidade de termos movimentos ideológicos que não denigra esses povos que são historicamente discriminados, e a partir disso passem a valorizar as diferenças culturais e identidades existentes no nosso país.

De acordo com Munanga (2009) para defender as características de cada povo: “Cada sociedade tem sua herança própria, isto é, a maneira de viver, de trabalhar, de pensar” (MUNANGA, 2009, p.65). Em outras palavras, é que por sermos diferentes, possuímos características próprias como: o modo de falar, a comida, a dança, etc., ou seja, heranças herdadas dos nossos antepassados que nos difere de outros povos. Essas diferenças devem ser vistas como algo natural, pois temos identidades próprias mesmo dentro de uma mesma sociedade.

2. A construção da identidade afro-brasileira.

Ao chegarem em terras brasileiras, os escravos africanos se depararam com modos de vidas diferentes em relação aos que levavam no seu continente de origem, pois, já não tinham a liberdade para praticar os hábitos que possuíam. E tudo isso já prejudicado pelo afastamento de seus familiares que acontecia ao embarcarem nos navios negreiros. Não bastando tais atos absurdos, os negros eram obrigados a longas jornadas de trabalho nas lavouras, isso sem falar nos castigos físicos sofridos e a falta de locais adequados para se alojarem. Por conseguinte, alguns negros não suportando o vigente modo de vida tentaram de forma desesperada assemelhar-se a população branca.

O esforço do negro para se tornar-se branco não obteve o sucesso que ele esperava. Vestidos à europeia, de terno, óculos, relógio e caneta no bolso do paletó, fazendo um esforço enorme para pronunciar adequadamente as línguas metropolitanas, os negros não deixaram de ser macaquinhos imitando homens (MUNANGA, 2009, p. 40).

Tal esforço de certa forma foi satisfatório, já que se sentiam outras pessoas e não estavam mais sendo totalmente escravos e sim seres “civilizados”. Só que percebe-se que estavam sendo instrumentos de manipulação ideológica dos detentores de riquezas. E na tentativa de se “igualar” ao branco torna cada vez mais os negros escravos no Brasil serem sem culturas e identidades próprias.

Partindo desse pressuposto, isto é, o de rejeição a sua cultura e aderir outra que não o pertence, surge à negritude como arma para barrar essa forma estereotipada de assimilação ao europeu.

A negritude possui três objetivos principais que são: buscar o desafio cultural do mundo negro (a identidade negra africana), protestar contra a ordem colonial e lutar pela emancipação de seus povos oprimidos e lançar o apelo de uma revisão de relações entre os povos para que se chegasse a uma civilização universal, encontro de todas as outras concretas e particulares (MUNANGA, 2009, p. 52).

Ainda segundo Munanga (2009, p. 53) “A negritude aparece aqui como uma operação de desintoxicação sistemática e de inteligibilidade de relação consigo, com os outros e com o mundo”.

Quer se dizer, que a negritude busca é a liberdade do negro para que ele se reconheça como tal e fortaleça a corrente para combater esse regime imposto pelo branco, e com isso construir e preservar sua verdadeira identidade e através disso valorizar não só sua cultura, mais, também a dos outros e conseqüentemente construir um mundo onde todos respeitem as diversidades.

Portanto é reconhecendo-se, que o negro poderá e continuará a deixar seus traços marcantes na nossa culinária, na religião, na língua falada, nas lutas diárias entre outras características identitárias e culturais que todos nós temos em decorrência do povo africano.

Adotar esse processo cultural não quer dizer que nossa identidade nacional seja formada somente por esses povos, pelo contrário buscamos a valorização de todas as culturas que ajudaram e continuam ajudando na construção da identidade nacional.

Reconhecer esse fato, certamente, não significa negar as marcas das outras culturas que fazem parte do nosso jeito de ser e de viver como brasileiros/as. Representa a aceitação de uma de nossas raízes, tão omitida e negada a ponto de seus principais representantes, ou seja, os descendentes de africanos, serem vistos há mais de 500 anos como lentes seletivas, preconceituosas e ainda serem diariamente discriminados (GOMES E SILVA, 2011, p.24).

Sendo assim, o reconhecimento do indígena, do negro, do branco e outros povos que fazem parte das nossas heranças culturais, devem sempre ser respeitadas, pois é através disso que poderemos ter dias melhores, sem estereótipos de culturas ou pessoas superiores ou inferiores.

3. A educação como contínuo processo de construção da identidade negra.

A educação é um instrumento de emancipação sobre qualquer tipo de preconceito perante as diversidades existentes na sociedade, pois a mesma pode ser reproduzida em vários âmbitos de ensino. De acordo com Oliveira (2011, p. 103-104) “A educação é um processo que ocorre em diferentes e múltiplas instâncias da sociedade: família, comunidade de destino, organizações sociais, religiosas, entre outras”.

Para o autor sobre essa questão, a educação assim como o processo identitário, são criados e recriados nas relações entre os diversos indivíduos, e por terem origem nas camadas sociais ambas devem andar juntas, pois, uma ajuda à outra na construção do homem. E isso é primordial na dependência do mundo contemporâneo de pessoas críticas, para que possam mudar a triste realidade de sujeitos que não se auto conhecem e reproduzem preconceitos que os induzem a pensar que existe cultura ou pessoas melhores que outras.

Analisando a questão numa perspectiva educacional pode-se ver que a escola também é outra ferramenta que reproduz a desigualdade entre brancos e negros, fazendo assim, com que o negro atrofie seu conhecimento e conseqüentemente será facilmente manipulado dentro da escola e na sociedade.

E a proliferação dessa desigualdade deve-se pela dificuldade que os docentes possuem ao lidar com as diferenças na sala de aula e também por nossa educação ter sua base eurocêntrica.

Partindo da tomada de consciência dessa realidade, sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. Os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar. No entanto, alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos nele introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional. Na maioria dos casos, praticam a política de avestruz ou sentem pena dos “coitadinhos”, em vez de uma atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada em detrimento de sua própria natureza humana. (MUNANGA, 2005, p.15).

Ou seja, no espaço escolar temos diferentes ferramentas de reprodução de ensino que não pertence à classe dominada. Outro ponto importante são as relações que existem na sala de aula onde o professor não intervêm nas práticas racistas de crianças de pele clara sobre outras crianças de pele escura, que denigre psicologicamente e fisicamente “o negrinho” surgindo aí um dos grandes motivos de evasão e fracasso escolar do negro na escola.

O professor por ser um formador de ideias deve intervir imediatamente e trabalhar cotidianamente as relações das diversidades no âmbito escolar, fazendo com que todos se reconheçam e aceitem suas diferenças.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos diariamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (MUNANGA, 2005, p.16).

Por sermos todos construtores e reconstrutores da nossa cultura e identidade, devemos nos atentar a não reprodução de preconceitos, que apesar de atingir diretamente a população negra, também afeta o branco e de modo geral atinge a todos, quando não aceitamos a

diferença do próximo, estamos deixando de conhecê-lo e com isso não trocamos ideias e pensamentos que fariam com que todos crescessem culturalmente e ideologicamente.

Percebe-se, que a não aceitação das diferenças causam malefícios irreparáveis na vida de todos, fazendo com que cada um fique em seu lugar sem nenhuma interação. E com isso não vemos que somos incapazes de construirmos nossa identidade sem o outro, pois, por sermos diferentes é que surgem novos contextos históricos e sociais que fazem do mundo um emaranhado de seres dependentes uns dos outros. E a educação/identidade tem papel fundamental perante a sociedade, de abrir os olhos das pessoas que pensam somente no “eu” e não no “nós”, isso é um fator preocupante, pois, assola um bem da humanidade que é a interação entres os diferentes.

A educação/identidade quando bem trabalhada, com certeza deve imunizar o ser social contra esse processo alienante e o conduzirá para o caminho do respeito mútuo e valorização de todos. Por isso não basta apenas à leitura e palavras bonitas contra o preconceito ou racismo é preciso que tenhamos atitudes, práticas diárias, para que possamos ter um futuro digno e ideal para todos independente de cor, religião, sexo, etc.

Enquanto dois processos densos, construídos pelos sujeitos sociais no decorrer da história, nas relações sociais e culturais, a educação e a identidade negra estão imersas na articulação entre individual e o social, entre o passado e o presente, e são incorporadas, ao mesmo tempo em que incorporam, à dinâmica do particular e do universo (GOMES, 2003, p. 39).

Com efeito, para que a relação entre educação e identidade flua é fundamental que os diversos órgãos governamentais vejam que essa questão de descobrimento de si mesmo é importantíssima e deve ser valorizada e trabalhada, e que também o sujeito se reconheça para que depois possa expandir seus conhecimentos para com os outros. Assim a partir disso reafirme toda herança cultural. Pois a identidade é tão importante quando se tem possibilidade de reconhecê-la, através desse reconhecimento abrem-se portas para expandir e olhar para as outras culturas. Nessa relação de identidades e culturas distintas formarão novas sociedades com sujeitos mais pensantes e reflexivos.

E um dos primeiros passos que se deve dar é “o enegrecimento da educação” Silva, (2010, p.41), para que nossas escolas transfiram o foco da nossa educação que é eurocêntrica, para as similitudes do cotidiano que o seu alunado pertence, fazendo com que ele assimile as verdadeiras relações de diversidades que existem no nosso país, valorizando a cultura do índio, do negro, e do branco, que fazem parte da nossa essência e identidade nacional.

4. Formas de expressão e luta do negro no Brasil

Em se tratando de formas e lutas que expressam a identidade negra no Brasil, temos que analisar fatos ocorridos na época da escravidão e após a escravidão, os quais levaram a movimentos de não aceitação da vida que o negro levava naquela época e da forma como o negro segue sendo tratado no nosso país.

É inegável que os quilombos na época da escravidão foram um dos maiores marcos de rejeição e de luta contra a opressão sofrida ao negro, onde essas “aldeias” serviam de refúgio e ao mesmo tempo de lar, aos negros que fugiam da casa grande. Nesses quilombos ocorriam as grandes manifestações da cultura afro-brasileira, como plantios de alimentos, comidas típicas, danças, e outros.

Para enfatizarmos mais ainda o poder que a identidade exerce sobre o homem e o homem sobre ela, ilustraremos uma pequena parte da história de Zumbi do Palmares que nos mostra o quanto é inesgotável esta relação, homem-identidade, quando ambos se encontram:

Ao mesmo tempo, devido aos altos preços dos escravos, os senhores-de-engenho voltaram a organizar expedições para a captura de negros em Palmares. Numa delas, um menino nascido em Palmares foi capturado ainda recém-nascido junto com outros negros adultos por Brás Rocha que atacou o quilombo em 1655. Brás o entregou, como era do contrato, ao chefe de uma coluna e esse resolveu fazer um presente ao padre português Antônio Melo, do distrito de Porto Calvo. O padre o batizou e deu-lhe o nome de Francisco e logo se afeiçoou àquela criança. Padre Melo achava Francisco uma criança inteligente e lhe ensinou português, latim e religião. (MUNANGA E GOMES, 2006, p. 83).

Se fossemos fazer uma previsão do que os autores narrar acima, seria mais que normal que essa criança ao crescer se tornasse uma arma dos brancos contra os escravos, pois como a ideia de que foi e está sendo bem tratada e os falsos estereótipos de que o negro deve ser subordinado e também que as pessoas de pele clara estão sempre com a razão, Francisco seria facilmente manipulado. No entanto, felizmente essa criança ao crescer e ver que suas raízes estavam sendo destruídas, ignorou tal sentido de vida católica e fugiu para o Quilombo de Palmares. Anos mais tarde essa pessoa se tornaria o mito Zumbi, um dos grandes símbolos de identidade e luta a favor do povo oprimido.

Além disso, existem outros exemplos como A Revolta dos Malês, que ocorreu nos anos de 1835, em que negros escravos e libertos de origem muçulmana lutaram contra as autoridades baianas contra a escravidão, a imposição do catolicismo e com o preconceito contra os negros. Munanga, (2006).

Na época da pós-abolição também ocorreram lutas contra o modo como o negro era tratado, por exemplo, a Revolta da Chibata que aconteceu em 1910 no Rio de Janeiro, onde os marinheiros brasileiros eram punidos com castigos físicos. E para encerrar tais atos desumanos tomaram os poderosíssimos navios de guerra e obrigaram que fossem abolidos os castigos físicos na marinha brasileira. E o grande líder nessa conquista foi João Cândido, também conhecido como O almirante negro. Munanga, (2006). E uma das formas mais marcantes e contemporâneas, para a quebra desse paradigma que se sustenta sobre a base idealizadora de que a cultura afro brasileira é inferior a cultura europeia que pode ser comumente encontrada em livros didáticos das instituições educacionais formais, de fato foi a implementação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares.

Como podemos perceber tudo que é relacionado à classe oprimida tem inúmeras barreiras para serem aceitas como naturais no nosso país, ou melhor, no mundo todo, por isso que esses povos devem urgentemente se encontrar com sua própria identidade e cultura que é fundamental para as lutas cotidianas.

5. Considerações Finais.

Ainda em tempos contemporâneos, no nosso país percebemos que existem ranços devido ao nosso processo histórico de colonização que torna a população afro-brasileira seres discriminados e desvalorizados. Falta-nos compreender que esses povos têm imensa contribuição na formação dessa nação chamada Brasil.

E a análise que fizemos através dos diálogos com os autores, nos leva a pensar o quanto a nossa sociedade é preconceituosa quando se fala da cultura Africana, pois a mesma desvaloriza e repudia as heranças deixadas por esses povos que foram e são fundamentais na construção do nosso Brasil. Mas em contra partida percebe-se o quanto é primordial que todos se emancipem de tais estereótipos, o que atrapalha sobremaneira a edificação da identidade. E o que se deve buscar na verdade é valorizar as características que esses povos aqui deixaram, pois na nossa culinária, na nossa fala, no nosso modo de ser, existem traços herdados dos Africanos.

Pode-se concluir que só poderemos construir nossa identidade quando nos desarmarmos de racismos e preconceitos e aceitarmos a cultura do negro, do índio e de todos os povos que fazem parte da nossa cultura de um modo geral, e a partir disso possamos

crescer culturalmente e socialmente, pois com a aceitação das heranças de todos podemos modificar e construir nossa identidade.

Portanto o reconhecimento de nossa identidade africana é primordial na perspectiva de construir pessoas com características próprias, aceitando as heranças deixadas pelos escravos vindos da África. Isto é, podemos observar que o relacionamento entre homem e identidade deve sempre ser entendido como uma forma de emancipação de todos. Por isso é imprescindível que cada um encontre suas raízes para que possam disseminar os valores advindos de seus antepassados e ampliar a bagagem cultural. É claro que somente isso não muda a realidade da nossa sociedade, mas pode e deve ser considerado um importante passo para entendermos suas inúmeras complexidades e a partir disso formamos verdadeiras ações para mudá-la.

Referências Bibliográficas:

ARAÚJO-OLIVEIRA, Sonia Stella. Lendo Pegadas Para Construir o Futuro. In: **Experiências étnico-culturais para a formação de professores** / organizado por Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. – 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. Aletria (UFMG), Belo Horizonte, n.9, p. 38-47, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/issue/view/93> > Acessado em 15/01/2013. 23:55.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. O desafio da diversidade. In: **Experiências étnico-culturais para a formação de professores** / organizado por Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. – 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MOREIRA, Marcieva da Silva. **Das raízes brasileiras a uma construção de identidade afrodescendente**. Campina Grande: Anais do IV FIPED – Realize Editora, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **O negro no brasil de hoje** / Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes – São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na escola. 2. ed. (Org.). Brasília; Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf > Acessado em: 02/02/2013. 08:05.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Estudos afro-brasileiros: africanidades e cidadania. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino. (Orgs.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.